



Artigos Originais

Potencial terapêutico da participação em movimentos sociais: um estudo a partir de militantes do MST

Therapeutic potential of participation in social movements: a study from MST activists

Leandro Amorim Rosa¹

¹ Instituto de Ensino Superior de Catanduva, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: O presente artigo objetiva realizar uma discussão inicial sobre as possibilidades terapêuticas presentes na participação em movimentos sociais, mais especificamente no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para se pensar a participação política foram adotados como referenciais o pensamento gramsciano e a psicologia histórica cultural. No que diz respeito à ação terapêutica, foram assumidas as propostas de fatores terapêuticos de Yalom e de outros estudos baseados em tal autor. O corpus empírico foi produzido por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro militantes do MST. A partir da articulação entre os depoimentos e as elaborações teóricas, pôde-se pressupor a existência de uma dimensão terapêutica nas vivências dos participantes junto ao movimento social. Foram identificados oito fatores terapêuticos nas falas dos militantes: instilação de esperança; universalidade; compartilhamento de informações; altruísmo; desenvolvimento de técnicas de socialização; aprendizado por intermédio do outro; aceitação; autocompreensão. Outros três fatores terapêuticos psicopolíticos são também propostos: ideais de mudança comunitária e social; garantia de sobrevivência e segurança material para a família; conquistas relacionadas à luta. Por fim, procura-se entender e propor como tal dimensão terapêutica pode estar vinculada a outras duas dimensões presentes no movimento: o aprendizado e a práxis política. Defende-se a possibilidade de entender a ação política coletiva não como um movimento de massa predominantemente irracional, impulsivo e autoritário, mas como detentora de potenciais de emancipação e mudanças sociais democráticas.

Palavras-chave: movimento social, psicologia, MST, saúde mental, participação política.

Abstract: This article aims to initiate a discussion about the therapeutic possibilities present in participation in social movements, specifically the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). To think political participation were adopted as reference Gramsci's thought and cultural historical psychology. With regard to therapeutic action, the therapeutic factors of Yalom and other authors were undertaken. The empirical corpus was produced through semi-structured interviews with four militants of the MST. From the relationship between the statements and the theoretical elaborations, it could be assumed that there is a therapeutic dimension in the experiences of the participants of the social movement. Eight therapeutic factors were identified in the reports of the militants: instillation of hope; universality; imparting information; altruism; developing social skills; interpersonal learning; cohesion; insight. Three other psychopolitical therapeutic factors are also proposed: ideals of community and social change; guarantee of survival and material security for the family; achievements related to the political fight. Finally, it seeks to understand and propose as such therapeutic dimension can be linked to two other dimensions involved in the movement: learning and political praxis. It is defended the possibility of understanding the collective political action not as a mass movement predominantly irrational, impulsive and authoritarian, but as having potential for emancipation and democratic social change.

Keywords: social movement, psychology, MST, mental health, political participation.

1. Introdução

Os estudos sobre movimentos sociais e participação política não são exclusividade das ciências sociais. A psicologia tem dado contribuições significativas ao entendimento de tais fenômenos^{1,2}. No que se refere à participação política, a psicologia social e a psicologia política possuem, em geral, como foco a análise dos processos de engajamento e a formação da consciência política dos militantes de movimentos diversos^{3,4}. O presente trabalho parte de outro olhar para essa temática. Objetiva-se abordar possibilidades de se entender a participação em movimentos sociais como composta de elementos ditos terapêuticos⁵.

Estudos junto a movimentos sociais e militância política evidenciam as dificuldades diversas envolvidas em se engajar em tais processos. Especificamente no que diz respeito ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), além dos ricos físicos e jurídicos diretos – coerção policial, falta de condições básicas de vida, ataque de seguranças privados e/ou milícias, prisões, etc. – destaca-se também o potencial patogênico presente nestes espaços. Há relatos principalmente sobre medo, ansiedade e estresse relacionados direta ou indiretamente à luta política^{6,7,8}. Mesmo reconhecendo a existência das questões abordadas acima, pretende-se discutir as possibilidades terapêuticas presentes em ações coletivas e espaços de luta política e social^{9,10}. A proposta não é isolar a dimensão terapêutica dos movimentos e vê-los como um “grupo clínico” ou algo do gênero. O caráter terapêutico deve ser entendido junto à dimensão formativa e política do movimento, ou seja, a potencialidade vinda da saúde mental de seus militantes deve estar atrelada dialeticamente a maiores possibilidades de aprendizado e práxis política.

A concepção de participação política será embasada na articulação entre a psicologia histórico-cultural e o pensamento gramsciano. Segundo tal referencial, a partir do momento em que uma pessoa está inserida em determinada sociedade a sua participação política é inevitável, ainda que se dê de forma passiva e/ou despercebida. Ao viver em sociedade reproduzimos ou produzimos determinadas formas de relações e concepções de mundo, com isso colaboramos – mesmo que de forma muito sutil – à manutenção ou transformação de dada ordem política. No entanto, ao nos referirmos à práxis política estamos abordando uma forma intencional de participação política que visa à intervenção no humano como ser social, ou seja, a práxis política tem como objetivo a manutenção ou transformação das relações sociais, políticas e/ou econômicas. Dado que tais relações são constituintes da subjetividade, a práxis política é um processo no qual estão atreladas a intervenção no mundo social à transformação dos outros e de si mesmo¹¹.

A reflexão aqui proposta será baseada em falas de militantes e educadores do MST. As entrevistas realizadas com os participantes foram semiestruturadas e se deram no contexto de uma pesquisa de mestrado que visava entender o processo de engajamento político dessas pessoas. Todos os colaboradores eram residentes de um assentamento rural localizado em um município do interior do estado de São Paulo.

No que se refere ao olhar para a terapêutica do movimento, será utilizado como principal referencial os estudos de Yalom e Leszcz¹² sobre fatores terapêuticos presentes em grupos. Evidentemente os autores não produziram sua proposta a partir de movimentos sociais, no entanto nos parece que há um grande potencial heurístico em vincular seus fatores à atividade junto ao movimento segundo os relatos de nossos entrevistados.

1.1 O MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é fundado em janeiro de 1984 e é atualmente considerado como um dos mais importantes movimentos sociais da América Latina. De acordo Stedile e Fernandes¹³, o movimento carrega desde sua origem três características fundantes. Primeiramente, é um movimento popular, ou seja, ele é aberto à participação de qualquer pessoa, o que lhe caracteriza como não sectário. No MST há uma peculiaridade que é a participação de toda a família no movimento, não só dos homens adultos como ocorre, por exemplo, em grande parte dos sindicatos. Em segundo lugar, há no MST um componente sindical. Há uma luta corporativa (em especial no primeiro momento) pela terra, por estradas, por financiamento, pelo preço de produtos, reivindicações essas de cunho prioritariamente econômico. Por fim, o movimento possui um claro caráter político. O MST não restringe suas pautas às lutas econômicas corporativas, mas objetiva articular os interesses particulares,

corporativos, com interesses de classe. A luta é contra uma classe específica (latifundiários) e contra um Estado que sustenta e apoia tal classe, definido como Estado burguês.

O MST possui formas diversas de luta desenvolvidas historicamente. A ocupação de terra, mesmo não sendo a única, é a principal ação de seu repertório. Entre as outras atividades reivindicatórias do movimento se destacam: marchas por rodovias, acampamentos permanentes, ocupação de prédios públicos e manifestações em grandes cidades. Essas ações objetivam, de forma geral, criar fatos políticos que pressionem as autoridades estatais à realização das pautas do movimento. Morissawa¹⁴ escreve que as formas de luta e a organicidade do MST se dão a partir das experiências concretas do movimento. O autor argumenta que a construção do MST acontece por meio da práxis de seus militantes orientada por espaços de permanente estudo e reflexão. Os militantes, em sua maioria, abitam nos próprios assentamentos ou acampamentos vinculados ao movimento. Assim sendo, sua imersão no MST atinge as mais diversas esferas da vida: pessoal, familiar, profissional, religiosa.

Segundo o próprio MST

O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais. Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária.

1.2 Fatores terapêuticos

Yalom e Leszcz¹⁵ defendem que a terapia de grupo é ao menos tão eficiente quanto o tratamento individual no que se refere à ajuda aos pacientes. Os autores ressaltam a importância de se entender como se dá tal processo de ajuda para buscar potencializá-lo. Na tentativa de melhor analisar o fenômeno dos grupos, propõem o estudo de fatores terapêuticos que, segundo eles, são mecanismos dinâmicos interdependentes que desencadeiam mudanças positivas.

Acredito que a mudança terapêutica seja um processo enormemente complexo, que ocorre por uma interação intrincada de experiências humanas, que chamarei de "fatores terapêuticos"¹⁶.

Abordaremos em nossa análise oito (8) fatores terapêuticos^{17,18,19}, os quais são listados e brevemente definidos abaixo.

1. Instilação de esperança: ter a esperança sobre a eficácia do tratamento inspirada ou fortalecida a partir da interação com os membros do grupo;
2. Universalidade: perceber que os outros membros do grupo partilham de problemas e questões ao menos semelhantes aos seus;
3. Compartilhamento de informações: obter informações importantes sobre seu processo terapêutico;
4. Altruísmo: poder ajudar ou ao menos tentar ajudar algum dos companheiros do grupo;
5. Desenvolvimento de técnicas de socialização: aprender habilidades sociais a partir da participação no grupo;
6. Aprendizado por intermédio do outro: reconhecer o aprendizado de algo significativo a partir da observação de outros membros do grupo;
7. Aceitação: sentir-se acolhido, aceito e pertencente a determinado grupo;
8. Autocompreensão (insight): entender e/ou refletir sobre processos próprios a partir da interação com o grupo;

Os fatores terapêuticos listados acima não correspondem à totalidade dos onze (11) presentes na proposta clássica de Yalom e Leszcz²⁰, no entanto são os que se manifestaram de forma significativa em nosso trabalho. Importante ressaltar que os autores defendem que os fatores terapêuticos não estão relacionados a uma abordagem ou teoria psicoterápica

ⁱ <http://www.mst.org.br/quem-somos/#full-text>. Acessado em 16/10/2016.

específica, mas são conceitos que se propõem a abordar elementos que podem perpassar qualquer processo terapêutico grupal.

Além dos fatores descritos acima, incluímos outros três (3) que identificamos como relevantes nos processos de participação de nossa pesquisa e os denominamos fatores terapêuticos psicopolíticos: ideais de mudança comunitária e social; garantia de sobrevivência e segurança material para família; conquistas relacionadas à luta social. Esses outros fatores são apenas sugestões iniciais baseadas no *corpus* empírico. Maiores pesquisas e aprofundamento teórico são necessários para poder sustentá-los com mais significativa validade.

A proposta de Yalom e Leszcz²¹ se refere a grupos que tem como grandes beneficiários pessoas em algum tipo de tratamento de saúde mental. A nossa proposta se difere bastante desse contexto. Primeiramente, os nossos entrevistados não possuem ou possuíram nenhuma queixa formal relacionada à saúde mental, ou seja, os elementos terapêuticos estarão vinculados principalmente à promoção de saúde²² e não ao tratamento ou à cura. Além disso, a nossa análise não se refere a momentos específicos de grupos com objetivos terapêuticos, mas a experiências cotidianas em diversas situações vivenciadas pelos participantes desde sua entrada no movimento social: assentamentos, formações, acampamentos, manifestações, conflitos, ocupações, confraternizações, reuniões, etc. Assim sendo, a análise do dito "espaço terapêutica" é ampliada para os mais diversos espaços de vida dessas pessoas.

2. Objetivos

Temos como objetivo primário realizar uma discussão inicial sobre as possibilidades terapêuticas presentes na participação em movimentos sociais, mais especificamente no MST. Além disso, procuramos propor como tal dimensão terapêutica pode estar vinculada a outras duas dimensões presentes no movimento: aprendizado e práxis política.

3. Percorso metodológico

Os participantes da pesquisa da qual resultaram as entrevistas aqui abordadas são militantes e educadores do MST de uma cidade do interior paulista. Os entrevistados foram identificados por nomes fictícios: Maria, Elis, Lúcio e Geraldo. Três deles eram vinculados ao setor de educação do movimento no momento da entrevista (Lúcio, Maria e Elis) e um deles havia se transferido recentemente ao setor de produção (Geraldo). Eles foram escolhidos por se destacarem pelo tempo e dedicação à militância nesses setores. Segue abaixo uma tabela com características gerais dos participantes.

Quadro 1. Informações gerais sobre os sujeitos entrevistados

Nome	Idade	Composição da Familiar nuclear	Data de entrada para o MST	Trabalho	Cidade e estado de Origem	Cor	Escolaridade
Lúcio	47 anos	Esposa; duas filhas (11 e 5 anos); dois filhos (21 e 3 anos)	2003	Agricultor e monitor de ônibus escolares	Cocos, Bahia	Negro	Analfabeto
Maria	42 anos	Marido; Pais (idosos); Filhos e filhas (23, 20, 17, 16, 14, 12, 11, 9 e 7)	2004	Agricultora e monitora de ônibus escolar	Montalvânia, Minas Gerais.	Negra	Ensino Fundamental incompleto

ⁱⁱ A partir de 2012 alguns membros do setor de educação foram designados para serem monitores dos ônibus responsáveis por levar os alunos do assentamento até suas escolas urbanas.

		anos).					
Elis	52 anos	Marido; Filho (20 anos) e Filha (23 anos).	2007	Agricultora e monitora de ônibus escolar	São Raimundo Nonato, Piauí.	Branca	Ensino superior
Geraldo	48 anos	Esposa; filha (12 anos) e filho (17 anos).	2005	Agricultor e feirante	Grão Mogol, Minas Gerais.	Negro	Até 7ª série (EJA)

As entrevistas foram individuais, semiestruturadas e se dividiram em duas etapas, sendo ambas áudio-gravadas e transcritas de modo a preservar o máximo possível a literalidade. Cada um dos participantes foi entrevistado duas vezes. Na primeira etapa, foi abordada a história de vida e o processo de entrada no MST do entrevistado. A partir da leitura das transcrições das primeiras entrevistas, foi produzido um roteiro para a segunda etapa do trabalho, o qual objetivava o maior aprofundamento em questões relacionadas especificamente à participação política dos sujeitos. Foram elaboradas questões gerais e específicas, ou seja, o roteiro da segunda etapa possuía perguntas direcionadas a todos, mas também questões direcionadas a somente um ou outro participante em particular.

A cada um dos participantes da pesquisa foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual depois de lido e explicado foi assinado pelo mesmo. Nestes documentos constavam de forma geral os objetivos e métodos da pesquisa, bem como a garantia de que os sujeitos poderiam encerrar suas participações a qualquer momento sem nenhum tipo de ônus. Os colaboradores não foram submetidos a riscos físicos ou psíquicos e não receberam qualquer tipo de remuneração. O projeto de pesquisa ao qual o presente trabalho está vinculado foi submetido ao comitê de ética da instituição responsável e aprovado por tal colegiado.

4. Resultado e Discussão

Esse item será subdividido de forma geral a partir dos fatores terapêuticos. Para cada um deles serão citados trechos das entrevistas nos quais entendemos que tal fator possa ser identificado. No entanto, primeiramente apresentaremos um sub-item com transcrições sobre como a participação no movimento social foi promotora de saúde para os militantes em diversos âmbitos e, ao final, realizaremos uma análise geral do item.

4.1 MST e promoção de saúde

Durante as entrevistas os militantes evidenciaram, em diversas situações e em vários sentidos, como a participação no movimento social melhorou suas condições de vida no que diz respeito desde aspectos econômicos até psíquicos.

Quando eu vim pro movimento e eu comecei a estudar um pouco eu comecei a compreender isso [a questão dos direitos]. E aí a perspectiva de vida melhorou, mas muito, mas muito, mas muito. Tanto a nível da questão econômica, como na questão maior do conhecimento. Isso é um avanço (...). Então eu acho que a partir do momento que você compreende essas coisas, começa a compreender isso, você passa a viver melhor. (Geraldo)

Hoje eu sou um Lúcio diferente. (...) [Antes] Eu queria fazer, mas achava que eu não tinha capacidade. E hoje pelo dia-a-dia que eu vivo com os companheiros mais de perto do MST, eles me ajudam muito... Eu descobri a pessoa que eu sou hoje (...). Hoje eu já não me sinto mais analfabeto, eu não me sinto analfabeto. (Lúcio)

O que eu sou hoje. Pra mim assim é uma grandeza e tanto (...) num tem preço. É uma coisa muito valorosa pra mim. Dou muito valor no que eu faço. Se eu não fizesse o que eu faço, eu nem sei como eu tava hoje. Talvez eu tava uma pessoa aí cheia de depressão, cheia, cheia de muita coisa negativa, sabe? E hoje assim, graças a Deus, minha luta eu faço com amor, gosto. (Maria)

Os trechos acima foram selecionados por serem representativos sobre como a participação no movimento social proporcionou melhorias nas vidas dos entrevistados. Primeiramente, reconhecemos as melhorias econômicas, as quais não são foco do presente estudo. No entanto, são ressaltados pelos participantes outros elementos não econômicos que lhes possibilitaram maior potencialidade em várias áreas.

Geraldo aborda o quanto ter conhecimento sobre a “questão dos direitos” fez com que ele desenvolvesse uma “perspectiva de vida muito ampla”, o que o faz viver melhor. Lúcio, por sua vez, relata em suas entrevistas que o analfabetismo sempre lhe foi fonte de preconceito, exclusão e sofrimento. Porém, no movimento social, a partir da convivência com seus companheiros, ele deixa de se sentir analfabeto. Não se sentir analfabeto em seu contexto significa sentir-se incluído e capaz de realizar grandes tarefas. Lúcio chega a contar sobre noites em que quase não dorme pela felicidade de ter sido convidado para representar o movimento em alguma atividade de formação. Por fim, Maria fala explicitamente sobre a importância da luta para sua saúde mental. A participante, em outro trecho, relata sobre como antes de entrar para o MST se sentia “um cachorro sem dono” e depois de suas vivências e militâncias se sente “uma joia rara”.

4.2 Instilação de esperança

Ai você vê e fala: “Puxa vida, ele também não tinha. Ele conseguiu, eu também vou conseguir”. Isso dá um... Aquele ânimo. Então eu vejo [o MST como] uma família, ali se tornar uma família. Ali você começa a ver que aquilo é uma coisa que acontece, não é que fica só na história. “Ah não, é lá longe que aconteceu”. Não! Você tá vivendo. Aquilo é uma realidade e daí a pouco a gente também consegue. Eu também consigo ter a minha casa, ser assentada e tal. (Maria)

O trecho acima demonstra como a vivência de Maria junto ao MST lhe proporcionou a esperança não de uma melhora relacionada a um tratamento específico – como se prevê o modelo clássico dos fatores terapêuticos-, mas de que sua família pudesse ter um local para morar e trabalhar. Ela, que já havia passado fome junto aos nove filhos, tem na luta pela terra uma possibilidade de conseguir se estabelecer e alcançar uma vida mais digna.

4.3 Universalidade

Chega no MST (...) Aquele abraço, a amizade das pessoas. Você vê pessoas iguais a você. Ai você conhece pessoas que já foi igual a você, assim no caso conheço pessoas que também eram iguais a mim. (Maria)

É diferente você tá do lado dos seus companheiros falando a mesma língua, né? A luta é a mesma, né? (Lúcio)

Foi paixão a primeira vista. Então assim, eu sentia que era o meu povo. (Elis)

Nas três transcrições os entrevistados demonstram a importância de reconhecer outros membros do movimento social como pessoas com as quais eles dividem dificuldade, lutas e sonhos. Lúcio e Maria descrevem em suas entrevistas momentos de grande exclusão social. Ambos encontram no movimento um espaço de acolhida, compreensão mútua e identificação que não possuíam antes de sua participação.

4.4 Compartilhamento de informações

Ai quando foi um dia na reunião começaram explicar o porquê da ferramenta. Explicar da bandeira. Das cores da bandeira. Que o vermelho representava o sangue derramado pelos companheiros que tomaram na luta... Lutando pela... Por nós, né? (...) Ai falou que o preto é o luto, né? Pelas pessoas. E o branco é a paz, né? Ai falou do verde também, da floresta. Ai eu fiquei assim: “Nossa tô boba mesmo. Tem que andar com o facão na mão mesmo” (Maria).

Maria conta que antes de entrar para o MST achava que os militantes andavam com facões nas mãos, pois matariam qualquer um que surgisse diante deles. Porém, com o tempo e a participação em formações, Maria descobre que o facão representa o instrumento de trabalhadores que lutam pela terra. Além disso, aprende sobre o significado da bandeira do movimento e sobre a história das lutas pela reforma agrária e, assim, passa a se identificar ainda mais com o grupo e com o território no qual vive. As ações que executa no acampamento não

mais seriam pobres de significado, mas seriam agora repletas de grande riqueza simbólica, cheias de sentido.

4.5 Altruísmo

Mas eu gosto de tá ajudando as crianças e aquelas famílias que mais precisam. As famílias que não precisam para mim são indiferentes, sabe? Mas se procurar também por mim eu tô ajudando (Elis).

Se eu não tivesse conquistado um pedaço de terra aqui no [assentamento], e isso eu tinha na minha cabeça, mas se aquela família conquistasse, para mim eu já tinha contribuído muito para reforma agrária. Porque o amor, a união daquela família, para mim foi uma coisa muito marcante (Geraldo).

Elis e Geraldo relatam sobre a importância em contribuir com outros membros do movimento. Elis – como todos os entrevistados – se refere à relevância que o seu trabalho na educação infantil tem para as crianças e para ela mesma. Geraldo fala sobre o momento em que abrigou a família de Maria em sua casa e como, mesmo se não conseguisse um lote, teria sido gratificante para ele poder ter ajudado aquelas pessoas.

4.6 Desenvolvimento de técnicas de socialização

“Ah eu não vou cumprimentar ninguém não” [Eu pensava] (...). Hoje não. Eu passo: “Ou, oba”. Abano a mão para todo mundo. Quero nem saber se ele vai responder ou se não vai, eu tô cumprimentando. Então eu fiquei mais assim... Desse lado das relações com as pessoas. Todo mundo eu converso (Maria).

(...) você nota que quando ele abre um acampamento e vêm pessoas novas sem estrutura... Quando ele pega uma estrutura dentro do movimento ele sabe se defender lá fora (...). Então esse espírito de luta ele aprende lá dentro (Elis).

Os trechos acima abordam como a vivência no movimento social proporcionou mudanças na forma como as pessoas se relacionavam socialmente. Maria relata que depois da sua participação está bem mais comunicativa. Já Elis diz sobre como aqueles que participam do MST desenvolvem uma capacidade assertiva para defender os seus direitos mesmo em outros contextos. Todos os entrevistados citam o aumento de suas capacidades de negociação e assertividade no que diz respeito à defesa de direitos.

4.7 Aprendizado por intermédio do outro

[Me sinto mais forte] porque eu acho que eu fico mais próximo de pessoas que... Pessoas que pensam positivo. Pessoas que também mudaram. Tipo assim, pessoas que acreditam na luta, pessoas que vão à luta. Então eu vejo pessoas assim. Ai eu acho que é porque eu fico mais próximo dessas pessoas. (Maria)

Leandro, é assim, com a vivência você aprende muito. (Elis)

Além dos aprendizados ocorridos em momentos de formação específicos, os entrevistados falam sobre a importância das vivências cotidianas junto aos seus companheiros. Segundo eles, o dia a dia junto às pessoas que estão há mais tempo no MST os fortaleceram e ensinaram como lidar com as dificuldades para não desistir de seus objetivos.

4.8 Aceitação

Fora do assentamento, antes quando eu morava com meus filhos, já era discriminada, tava praticamente excluída da sociedade. Que era tanto coisa que eu não podia, que eu não podia (...). No acampamento não. “Você vem, você vai conseguir, você pode. Você tem criança? Ai que bom. Que família... Ai que bom uma família grande aqui. É isso que a gente precisa. A gente quer bastante criança aqui”. Então sabe? Eu sentia o amor das pessoas, né? Então eu comecei... Eu gostava muito. Mesmo morando naquele barraquinho de lona. A lona era aquela mesmo de quinta... (Maria)

Eu falo que o MST é uma família da gente. Muitos nunca tiveram família lá fora, aí quando chega aqui se sente como tendo uma família dele. Assim um pai adotivo, né? (...). Eu me sinto no MST uma família que eu não esperava de conhecer, que eu conheci aqui dentro (Lúcio).

As duas transcrições abordam a ruptura de uma trajetória de exclusão social anterior à participação no movimento. Maria e Lúcio falam sobre a aceitação e acolhida que tiveram ao entrar para o MST. Evidentemente não foi por essa razão que eles se aproximaram no movimento,

no entanto essa que pode ser chamada de uma reivindicação latente mostra-se central para a permanência dos dois no acampamento e na luta pela terra. Maria relata que gostava muito de morar naquele local, mesmo estando com seus nove filhos em um barraco de lona de “quinta”. Lúcio diz sentir que encontrou uma família que nunca teve fora do movimento, uma família que ele identifica como pai carinhoso em outro trecho.

4.9 Autocompreensão

Eu ia entendendo e já não tinha mais aqueles pensamentos de que [os membros do MST] queriam matar [outras pessoas]. Que não era nada disso que eu pensava. Eu fui entender que a televisão mostrava as coisas distorcidas que era para a pessoa pensar do jeito que eu pensava mesmo. Para não se juntar a eles, para não mudar a situação nem as pessoas. (Maria)

Todos os entrevistados falam sobre uma concepção muito negativa relacionada ao MST antes de sua participação. Relatam que a principal fonte de informação era a televisão e que entendiam os membros do movimento como bandidos, ladrões e assassinos. O trecho transcrito da fala de Maria é significativo de um processo que os outros também descrevem: a percepção de que as ideias que eles possuíam sobre o movimento estavam em grande medida equivocadas. E, além disso, dizem sobre o papel que os meios de comunicação de massa – em especial a televisão – possuem ao disseminar determinadas concepções sobre movimentos sociais. A experiência no MST proporcionou aos entrevistados a possibilidade de refletirem e perceberem como se deu o processo de construção da imagem que possuíam da militância e quais os objetivos políticos de tal construção.

4.10 Fatores terapêuticos psicopolíticos

Além dos fatores terapêuticos já consagrados pela literatura, durante as entrevistas pudemos perceber alguns elementos que aparentemente também proporcionaram saúde aos nossos entrevistados. São eles: ideais de mudança comunitária e social; garantia de sobrevivência e segurança material para sua família; conquistas relacionadas à luta. Abordaremos cada um deles abaixo.

Eu nunca concordei de maneira alguma com essa... Com a distribuição de renda no país. Com essa diferença social no país. Eu nunca concordei. Uns tem muito, outros não tem nada. E como que é essa questão? Então isso pra mim eu nunca concordei. Então no movimento eu percebi, eu vi uma esperança, um pouco dessa transformação (...). Esse para mim acho que tá a frente até do econômico. Quer dizer, o econômico faz parte, mas o conhecimento político, a coisa do direito. Porque ouvia falar muito na ocupação, você faz uma ocupação urbana ou rural, você faz algumas lutas dos trabalhadores pelos seus direitos e a mídia coloca que é invasão e os baderneiros. Então eu ter a compreensão que isso é direito. Que isso só acontece pela negação do Estado, dos direitos, então isso para mim é muito forte assim (...). Eu considero ela mais importante. Eu considero ela mais importante. (Geraldo)

Geraldo defende que ainda mais importante que os avanços econômicos obtidos por meio de sua participação são o seu conhecimento sobre os direitos e a esperança de transformação social. Esse fator não se relaciona apenas à ajuda de um companheiro em específico, mas está vinculado à ideia de melhoria mais ampla, a níveis comunitários e sociais. Geraldo reconhece que dificilmente irá vivenciar a transformação que sonha, no entanto o fato de contribuir para tal processo o motiva e alegra, o potencializa.

E às vezes nem tinha condições de tá comprando [comida] naquela hora. Às vezes num dia tem no outro não tem. Hoje também às vezes acontece de não ter como comprar, mas hoje é mais fácil. Eu tiro três, quatro cacho de banana, quer dizer... Aonde? Eu nem tinha isso. Quer dizer isso melhorou também. Assim você pode... Tem outras coisas, mas essa questão mesmo da alimentação, da moradia. Eu acho assim, só foi melhora. (Maria)

Quando eu vim pro MST... Uma coisa foi interessante para mim porque antes de eu vir para o MST, eu já com meus quarenta anos, eu me sentia um cidadão excluído da sociedade, assim, na questão de direitos. Porque eu não pagava direitos sociais, não tinha uma profissão para me sustentar. Então aquilo me assustava. Eu olhava para os meus filhos dormindo assim e aquilo me apavorava. Vendo a situação da educação. Então aquilo me apavorava. Quando eu vim para o MST, eu fui compreender essa questão mais a fundo, essa questão dos direitos. Aí foi mudando a minha... A realidade. Com a conquista do pedacinho de terra a partir do MST, isso transformou muito. Porque eu vi a possibilidade de uma vida sustentável (Geraldo).

Nas falas de Maria e Geraldo fica evidente a importância da garantia de sobrevivência e segurança material para suas famílias. Todos os entrevistados relatam a melhora nas condições econômicas após a entrada para o movimento social. Entendemos que a possibilidade de segurança econômica para a sua família pode ser considerado como um fator significativo de saúde mental. Geraldo relata o quanto ficava apavorado com sua situação social antes da entrada para o MST e a forma como a sua participação propiciou uma mudança de realidade, a possibilidade de uma vida sustentável. Maria e Lúcio, além da alimentação e moradia, também dão grande ênfase à possibilidade de oferecer boa formação a seus filhos e filhas.

Eu vejo assim hoje, o meu lote, a minha casa, mesmo daquele jeito assim sem acabar, [Inaudível] não tem preço. Foi uma conquista muito grande, sabe? E para mim assim... Meu Deus do céu, tem pessoas que tem vergonha de morar lá na fazenda. Eu não. Eu tenho orgulho. Porque eu não tinha nada. Não, para mim me engrandece. (Maria)

Tem aquele orgulho de ter um pedaço de terra dentro de [cidade onde o assentamento é localizado] (...). Hoje você ter um pedaço de terra desse você se considera um rico. Você é uma pessoa rica, não é de dinheiro. É você tá assim em um lugar que você se sente bem. (Lúcio)

A partir das falas de Lúcio e Maria abordamos a relevância que as conquistas de suas lutas possuem para esses sujeitos. Ambos explicitam a orgulho e a alegria que sentem por ter conseguido conquistar o pedaço de terra onde moram com suas famílias. Em nossas entrevistas esse fator mostrou-se significativo no que se refere à constituição da autoestima e motivação de nossos participantes. Poder vivenciar concretamente os frutos de seus esforços e ver materializada parte de seus sonhos certamente contribui para a saúde de nossos entrevistados.

4.11 Campo de potência: saúde, aprendizado e práxis política

A partir dos conteúdos abordados acima, podemos perceber que a participação no MST tem o potencial de produzir autoestima, motivação, alegria, esperança, vitalidade – entre outros -, ou seja, em certo sentido promover saúde mental. Essa promoção de saúde está intimamente relacionada aos aprendizados dos participantes durante suas vivências no MST, bem como à sua práxis política concreta. Os entrevistados relatam como participar do movimento social propiciou grandes aprendizados vinculados desde aos seus direitos sociais até à forma de se relacionar com as pessoas e superar medos anteriores. A práxis política dos sujeitos foi fundamental para a sua promoção de saúde e também para seu aprendizado, sendo ao mesmo tempo também potencializada por essas duas dimensões.

Algumas das leituras clássicas sobre massas e grupos^{23,24} propõe que a participação em coletivos necessariamente diminuiria a racionalidade dos indivíduos, os deixariam propensos a impulsividades inconscientes e vulneráveis a sugestão de líderes autoritários. Nossa proposta discorda da inevitabilidade de tal processo. O que buscamos discutir aqui é a possibilidade de uma organização coletiva que não ataque a racionalidade ou a liberdade dos indivíduos, mas que potencialize essas pessoas. Chamaremos de campo de potência o espaço coletivo no qual os indivíduos têm aumentada sua potência em três dimensões absolutamente vinculadas: saúde, aprendizado e práxis política.

No que diz respeito à dimensão da “saúde”, buscamos não limitar nosso olhar apenas ao que pode ser entendido formalmente como saúde mental. Assim, teremos como principal referencial Sawaya²⁵. A autora propõe o conceito de sofrimento ético-político.

Em síntese, o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto²⁶.

O termo “terapêutico” se referirá a processos que contribuam para a superação do sofrimento ético-político, processos que aumentem a potência de ser do sujeito em questão. Como fica claro na citação acima, o sofrimento ético-político se refere à saúde mental, mas não a desvincula de um olhar biopsicossocial. Assim, ao nos referirmos aos sofrimentos de nossos entrevistados não estamos propondo que eles estejam acometidos por alguma psicopatologia ou

algo do gênero, mas que vivenciam sofrimentos ético-políticos vinculados aos seus contextos sociais, econômicos, políticos e subjetivos. Dessa forma, nossa concepção de saúde também será ético-política.

O aprendizado a que nos referimos será inspirado no fundador da psicologia histórico-cultural, Vigotski²⁷. Segundo o psicólogo soviético, aprendizado e desenvolvimento estão intimamente relacionados, mas não se identificam. O aprendizado seria capaz de produzir desenvolvimentos potenciais, os quais poderiam ser totalmente apropriados a partir de determinadas interações sociais. Importante destacar a concepção de subjetividade de Vigotski que busca a superação de dicotomias como racional/emocional ou cognitivo/afetivo. Assim, a aprendizagem será entendida aqui como um processo – constituído de aspectos cognitivos, afetivos e volitivos – de caráter predominantemente social relacionado de forma recíproca e dinâmica ao desenvolvimento.

Por fim, a práxis política será abordada, como já citado acima, a partir da articulação entre a psicologia histórico-cultural e o pensamento político gramsciano. A práxis política é uma forma intencional de participação política, é uma atividade prática orientada subjetivamente, na qual o sujeito tem como meta a intervenção – transformadora ou conservadora – nas relações econômicas, sociais e/ou políticas²⁸. Sobre a dimensão subjetiva da práxis política, Rosa²⁹ escreve

Tal dimensão é permeada por sentidos e significados e se dá pela indissociabilidade de processos cognitivos, afetivos e motivacionais no drama subjetivo. A subjetividade é aqui entendida como produção elaborada pelo sujeito a partir de suas vivências concretas em um contexto sócio-histórico-cultural específico, compondo-se de forma dramática.

As três dimensões abordadas acima devem ser entendidas como orgânica e dialeticamente vinculadas. Ao produzir um campo de potência se objetiva potencializar os sujeitos no que se refere à sua saúde ético-política, ao seu aprendizado gerador de desenvolvimento e à sua práxis política transformadora da sociedade e de si mesmo.

5. Limitações do estudo

No que se refere às limitações presentes no artigo podemos citar quatro grandes questões.

Primeiramente, o referencial sobre fatores terapêuticos que utilizamos não foi pensado no e para o contexto dos movimentos sociais. A proposta de olhar para a participação política a partir de tal referencial requer grandes cuidados teóricos e práticos. Em segundo lugar, faz-se necessária uma pesquisa específica sobre a possível terapêutica dos movimentos sociais para que possamos avançar nessa ideia. É fundamental que o trabalho possa ser estruturado desde sua concepção a partir desse objetivo e, assim, tenha a coerência metodológica e teórica necessária para fortalecer ou refutar o que defendemos de forma inicial aqui. O terceiro ponto se refere ao artigo estar fundamentado nas falas de quatro participantes de um assentamento específico de um movimento social determinado, ou seja, é necessário aumentar e diversificar tal amostra para que possamos alcançar proposições mais sólidas. Por fim, o conceito de campo de potência proposto no texto deve ser mais bem desenvolvido a partir de articulações teóricas mais elaboradas e maior conteúdo empírico que abordem cada uma das dimensões. Ele foi proposto na tentativa de não isolar uma dimensão do movimento social que pudesse se caracterizar como terapêutica da totalidade da vivência dos militantes e, assim, deve ser entendido apenas como um desenvolvimento possível dentre outros.

6. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo abordar de maneira exploratória e inicial a temática do potencial terapêutico presente na participação em movimentos sociais. Analisamos de forma específica a experiência de quatro militantes do MST do interior paulista.

Importante destacar que pelo escopo do trabalho foram abordados elementos predominantemente positivos relacionados à participação no MST. Com isso não buscamos idealizar o movimento ou colocá-lo acima de críticas. O cotidiano de nossos participantes – como é relatado por eles mesmos – é permeado de dificuldades e limitações, assim como a organização do movimento é repleta de contradições de diversas naturezas. Mesmo não estando incluídas na proposta de análise do texto, é relevante que tais questões sejam ao menos aqui citadas.

Também de forma ainda inicial, propomos pensar em espaços nos quais saúde, aprendizado e práxis se fundem como campo de potência. Tentamos com isso realizar uma conceituação que ressalte a importância de cada uma de tais dimensões sem, contudo, ser elaborada a partir de dicotomias – social x pessoal; objetivo x subjetivo; cognitivo x afetivo. As três dimensões não devem ser entendidas separadamente, mas compondo um todo orgânico que visa gerar potências diversas nos sujeitos. Contrapomo-nos a ideia de que movimentos coletivos são necessariamente geradores de unificações rígidas e autoritarismos. Entendemos - como Leite e Dimenstein³⁰ também abordam - que há possibilidades de organização que priorizem a criatividade e a singularidade dos sujeitos. Possibilidades que não sejam produtoras de conformismo, intolerância ou irracionalidade, mas de potências de transformações democráticas radicais a nível social e subjetivo.

Referências bibliográficas

1. Lacerda FL, Hur DU. Psicologia, políticas e movimentos sociais. Petrópolis: Vozes; 2016.
2. Silva AS, Corrêa F (org.) No interstício das disciplinaridades: a psicologia política. Curitiba: Prismas; 2015.
3. Sabucedo JM. Psicologia política. Madrid: Síntesis; 1996.
4. Sandoval SAM, Hur DU, Dantas BSA. Psicologia Política: temas atuais de investigação. Campinas: Alínea; 2014.
5. Yalon ID, Leszcz M. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Porto Alegre: Editora Artmed; 2006.
6. Rosa LA. (Dissertação). Participação política: sentidos e significados atribuídos por membros do setor de educação de um assentamento rural. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), Ribeirão Preto. 2013.
7. Figueiredo GC, Pinto JMR. Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra. *Psicol. Soc* 2014; 26(3): 562-571.
8. Silva AS. O lugar das crenças e valores sociais na formação da consciência política entre trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra. *Interações* 2002; 7(14): 105-130.
9. Gaspar MAF. (Tese). A falta que a mística faz. Elementos para a retomada do trabalho de base nos movimentos populares. Instituto de Psicologia (IP/USP), São Paulo. 2010.
10. Hopkins, N.; Reicher, S. The psychology of health and well-being in mass gatherings: A review and a research agenda. *Journal of Epidemiology and Global Health* 2015; 6: 49– 57.
11. Rosa LA, Silva APS. Práxis política no MST: uma leitura a partir de Vigotski e Gramsci. *Psicol. teor. prat.* 2016. São Paulo; 18(1): 75-86.
12. Yalon ID, Leszcz M. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Porto Alegre: Editora Artmed; 2006.
13. Stedile JP, Fernandes BM. Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2012.
14. Morissawa, M. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular; 2001.
15. Yalon ID, Leszcz M. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Porto Alegre: Editora Artmed; 2006.
16. Idem, p. 23.
17. Guanaes C, Japur M. Fatores terapêuticos em um grupo de apoio para pacientes psiquiátricos ambulatoriais. *Rev. Bras. Psiquiatr* 2001; 23(3): 134-140.
18. Santos MA; Scorsolini-Comin F; Gazignato ECS. Aconselhamento em saúde: fatores terapêuticos em grupo de apoio psicológico para transtornos alimentares. *Estud. psicol.* 2014; 31(3): 393-403.
19. Yalon ID, Leszcz M. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Porto Alegre: Editora Artmed; 2006.
20. Idem.
21. Idem.
22. Frateschi MS, Cardoso CL. Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: avaliação sob a ótica dos usuários. *Physis* 2014 24(2): 545-565.
23. Le Bon G. *Psicologia de las multitudes*. Buenos Aires: Albatros; 1947.
24. Freud S. Psicologia de grupo e a análise do ego. Rio de Janeiro: Imago; 1974.
25. Sawaia B. O Sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In Sawaia, B (org.) *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes; 2001. p. 119 – 118.
26. Idem, p. 104-105.
27. Vigotski LS. A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
28. Rosa LA, Silva APS. Práxis política no MST: uma leitura a partir de Vigotski e Gramsci. *Psicol. teor. prat.* 2016. São Paulo; 18(1): 75-86.

29. Rosa LA. (Dissertação). Participação política: sentidos e significados atribuídos por membros do setor de educação de um assentamento rural. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), Ribeirão Preto. 2013.
30. Leite JF, Dimenstein M. Militância política e produção de subjetividade: o MST em perspectiva. Natal: EDUFRN; 2011.

Artigo Recebido: 02.11.2016

Aprovado para publicação: 27.03.2017

Leandro Amorim Rosa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Instituto de Ensino Superior de Catanduva

AV. DANIEL DALTO, S/N - EXPANSÃO 1,

CATANDUVA - SP, 15800-970

Telefone: (17) 3531-2200

Email: psi_doug@yahoo.com.br
